

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

ENTREVISTADO: RENÉE SIMAS

ENTREVISTADORES: WANDA COZETTI E VERA CATALÃO

DATA: 07.11.89

INÍCIO

PERG.: GRAVANDO ENTREVISTA COM RENÉE SIMAS, 07/12/89. EU SOU A PROFESSORA WANDA COZETTI MARINHO, DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, ESTAMOS FAZENDO ESSA GRAVAÇÃO COM A PROFESSORA RENÉE G. SIMAS, EM FUNÇÃO DO PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF, QUE ESTAMOS INICIANDO AGORA.

PROFESSORA RENÉE, NÓS TEMOS AQUI ALGUNS DADOS SEUS SOBRE PARENTESCO, QUE JÁ NOS ADIANTOU ALGUMA COISA. EU QUERIA VER AGORA COM VOCÊ O SEGUINTE: QUANDO VOCÊ VEIO PARA BRASÍLIA, EM 1960, O QUE MÔTIVOU SUA VINDA PARA CÂ?

RESP.: Olha, a motivação principal, foi o fato de ser uma cidade nova e de que estaria completamente em aberto, o ensino, para a experimentação. E foi feito da seguinte maneira: foi feita uma seleção a nível nacional. Então, foi divulgado pelo MEC, com um concurso para professores para trabalhar em Brasília, em todo o território, que seriam escolhidos de cada região e esses grupos formados estariam dentro de uma proposta nova de ensino. Para a parte... eu sou do nível médio, professora de segundo ciclo; mas para a parte inicial do primário, quem estava montando todo o esquema e as idéias eram de Anísio Teixeira, que inclusive tinha sido o meu professor de administração escolar, na Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Então, a idéia principal era essa, é de que a gente poderia, realmente, começar um ensino sem as amarras e tentando dar uma proposta nova e embutido todo dentro da idéia de Brasília, que era alguma coisa em construção. Você estaria ajudando a construir um sistema novo.

PERG.: VOCÊ, ENTÃO, VEIO NA PRIMEIRA SELEÇÃO POR CONCURSO?

RESP.: Na primeira seleção feita em Brasília.

PERG.: VOCÊ ERA UM PROFISSIONAL ANTES ONDE?

RESP.: Olha, eu tinha acabado de formar na Faculdade Nacional de Filosofia em 58; o concurso foi no início de 60. E em 59, eu cheguei a dar aulas no Rio, depois de formada, em dois colégios, que eram: o Instituto Menino de Jesus, que ficava na Mariz e Barros e o Colégio Laranjeiras, que ficava no Cosme Velho.

PERG.: A NÍVEL PRIMÁRIO OU SEGUNDO GRAU?

RESP.: Não! a nível já de primeiro grau, a nível de antigo ginásio. E, ao mesmo tempo, eu continuei fazendo dois cursos na Belas Artes, porque quando eu estudava e era representante da turma e do diretório acadêmico, nós fizemos algumas exigências de modificação curricular. Coisas que a gente achava necessário e que não tinha. E assim que eu formei foram introduzidas. Então, eu voltei novamente para cursar as matérias que faltavam, que eu achava que faltavam no curriculum; e uma delas, era o tal de desenho geométrico, que era, em princípio, a matéria obrigatória para o primeiro grau e o segundo grau; e era uma matéria que não tinha. Quer dizer, você se formava numa matéria, com o conhecimento que você tinha do vestibular. E nós conseguimos reverter isso. Então, eu voltei; e voltei para fazer especialização. Na Belas Artes tinha especialização em cerâmica, já a nível só para os formados. Então, eu, além de dar aulas, eu voltei para completar, o que eu achava, assim, necessário. Quer dizer, desde que eu entrei na faculdade, que eu já tinha começado, assim, a trabalhar no segundo ano em diante, porque eu já dava aula. Porque, por exemplo, os alunos dos anos terceiro e quarto... (ENTREV.: TINHA ESCOLA DE APLICAÇÃO?) - ...não! particular, porque ficavam dependentes das matérias que a gente estava cursando. Então, a gente já dava aula, porque era uma necessidade financeira de sobreviver. (ENTREV.: E A PRÁTICA SE DAVA AO MESMO TEMPO ENTÃO?) - É!

PERG.: QUER DIZER, COM ISSO, ENTÃO, VOCÊ FEZ O SEU APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL, NÃO É?

RESP.: É! E não chegou a ser um aperfeiçoamento, era um início de alguma coisa...

PERG.: E CONFERIA QUAL?

RESP.: É! de testar, porque, na realidade, quando, por exemplo, você entra na Belas Artes, você não tem... eu tive muitas dúvidas se fazia arquitetura ou Belas Artes. E você não entra com uma definição de que você vai dar aula. Eu era mais ligada no fazer, na experimentação da arte mesmo, do que pensando assim, de que eu seria professor. Embora o curso fosse... mas você fica sempre... e todas as coisas que se faziam, porque naquela época, a Universidade no Brasil, era horário integral. Então, você ficava, começava aula às 7, até às 6 da tarde. E dentro da Belas Artes, todos os cursos eram de artes. E, é claro, que a tendência era de você tentar completar sua linguagem. No meu caso, do ponto de vista da plástica. Então, era o Museu de Arte Moderna do Rio, fiz curso de museografia, sempre tentando essa parte prática da expressão e completar a linguagem. Até terminar a parte didática na Filosofia, eu realmente, não tinha certeza de que eu daria aula, porque por incrível que pareça, sim, porque agora quem me conhece, agora não pode imaginar; eu era de uma timidez assim, no último grau. Então, eu achava que realmente, quando eu me defrontasse assim, com uma turma, que eu não ia conseguir fazer nada. Então, era, mais ou menos, um processo assim, que eu ia levando, mas achando que não conseguiria. E quando nós começamos, assim, individualmente, de um em um, não havia problema. O problema era o coletivo na frente. Quando nós fomos para a Escola de Aplicação, aí era obrigatório; você não tinha como não entrar em sala de aula, dentro daquele formalismo que era exigido na época, com relógio, cronometrado, tanto para a motivação, tanto para não sei o que, tanto para não sei o que lá e o professor acompanhando se realmente você estava cumprindo as etapas programadas na ficha. E eu me surpreendi, porque eu era daquele tipo que fica vermelho quando alguém... e, pela primeira vez, eu senti que o sangue tinha subido assim, pelo menos, até à gola da camisa e não tinha ido para o rosto (RISOS), que é o que aparece, não é? e consegui uma comunicação, era uma turma... eu não me esqueço por isso, porque era uma turma do segundo ano científico... (ENTREV.: NAQUELES MOLDES DE APLICAÇÃO DO RIO, NÃO É, NA LAGOA?) - ...é! na Escola de

Aplicação da Lagoa! (ENTREV.: "INAUDÍVEL" UM ESTÁGIO DE LICENCIATURA?) - é! já era obrigatório, mas só que a gente fazia dentro da própria faculdade, que tinha Escola de Aplicação, não é? então, era uma turma de segundo ano científico, dessas turmas, que geralmente, em Escola de Aplicação, são mais vivas, porque estão acostumadas, sabem que estão testando quem está na frente. E eu realmente me senti com facilidade de passar para eles, aquilo que estava lá estabelecido, porque se seguia o programa do professor que já estava em sala, não é? e depois de ter conseguido a primeira vez, assim, sem romper um processo assim, pessoal de comunicação, é claro, que para a segunda eu já fui com mais tranquilidade. E aí, quando surgiu esse concurso, quer dizer, que era uma oportunidade, como eu já disse, do ponto de vista profissional e do ponto de vista financeiro, porque eles ofereciam assim, além de um bom salário, moradias de diversos tipos, com mobília, sem mobília. Então, eles ofereciam bastante, aparentemente, bastante vantagem. O concurso, era o seguinte: você tinha... eu me lembro que eu fiz na Escola Técnica, no Rio de Janeiro, quem conhece ali no Maracanã... e eu não sei quantos candidatos eram, mas eu sei que era um volume...

PERG.: VOCÊ NÃO SE LEMBRA ASSIM, MAIS OU MENOS? PASSAVA DE MIL?

RESP.: Eu não sei! olha, era bastante gente, que dá aquela sensação: não vou conseguir, porque é gente demais! entendeu? eu não tenho assim, noção exata de quantos concorreram no Rio. Nos outros Estados também não sei. Mas a sensação é clara de quem está se submetendo ao concurso, é de que era muita gente; e você não tinha definido quantos seriam por região. Isso não era claro, não é?

PERG.: JÁ ESTAVAM DEFINIDAS AS VAGAS?

RESP.: Não! eles não diziam quantas vagas eram. Então, a gente não tinha certeza de como seria exatamente. E, além dessa prova escrita, que não era uma prova específica da matéria, era o que eles chamavam de cultura geral. Então, abrangia conhecimento geral e conhecimento de educação, em particular; não especificamente de cada matéria; e uma entrevista. E quem passa

va nessa seleção, era submetido a uma entrevista com um psicólogo. Aí esse psicólogo dizia se o candidato tinha... quer dizer, era um somatório; se o candidato demonstrava condições... (ENTREV.: EQUILÍBRIO, COMUNICAÇÃO...) - ...para vir, se deslocar para uma cidade diferente e nas condições que Brasília apresentava. E antes da gente começar, que começou no dia 16 de maio, nós tivemos que vir a Brasília, fazer um estágio para conhecer a cidade, conhecer a escola e assistir palestras. Então, vieram os selecionados, vieram. E depois, só voltamos novamente quando próximo a começar as aulas; uma semana.

PERG.: VOCÊ SE LEMBRA DE QUANTOS FORAM SELECIONADOS NESSE PRIMEIRO?

RESP.: De 60 em 60. Isso é uma coisa que foi muito repetida, que eram de 60 em 60.

PERG.: DA SUA DISCIPLINA, QUANTOS?

RESP.: Olha, da minha disciplina, nós éramos 5, acredito; 5 ou 4, porque também teve uma coisa, é que depois da fase do estágio, aonde houve uma modificação, porque alguns, apesar de terem passado no concurso, acabaram relutando, por outros motivos, de vir, compreende? só que esses: de 60 em 60, foi uma coisa assim, muito inicial, porque nós começamos com duas turmas de primeira série ginásial, tinha a "A" e a "B". E na metade do ano, já estava na turma "F", porque à medida em que as pessoas vinham e começaram... (ENTREV.: A CHEGAR OS OUTROS.) - ...é: a chegar outras pessoas.

PERG.: E FORAM CHAMANDO POR ORDEM DE CLASSIFICAÇÃO?

RESP.: Olha, aí é uma coisa que nunca me ficou muito clara, se realmente eles respeitaram e até que ponto eles respeitaram o concurso inicial. E se depois eles não foram também aproveitando pessoas, professores jovens; mas que vinham chegando, ou acompanhando o marido, pessoas que eram transferidas, porque o outro era professor e que por circunstancialmente eles foram aproveitando.

PERG.: MAS, PARECE QUE TODOS ERAM CONCURSADOS

RESP.: E quem não era concursado, acabou fazendo depois, compreende? ou sendo aproveitado depois nas campanhas que foram feitas

posteriormente, porque essa coisa não foi uma progressão assim, normal. De repente foi uma coisa acelerada, porque você tinha um número de alunos e de uma hora para outra. O mesmo grupo tinha que atender um número dez vezes maior de alunos.

PERG.: ESSE ESTÁGIO QUE VOCÊ FEZ AQUI, VOCÊ SE LEMBRA QUEM DIRIGIA?

RESP.: Olha, era a comissão educacional, que era do MEC. A comissão que selecionou, era uma comissão do próprio MEC. O chefe, o coordenador maior era o Armando Hildebrand, que era o coordenador do sistema, pelo menos, para o nível médio. E o nível primário, isso aconteceu ao mesmo tempo no nível primário. Quer dizer, mau você tinha tempo de tomar conhecimento do seu. O meu, em particular, esse meu estágio foi muito, talvez, diferente de todos os outros, dos 60, porque eu já estava grávida e tinha ido ao médico e fiz o concurso já grávida. E ele tinha dito que a criança nasceria em final de maio; e esse estágio que nós fizemos aqui, foi em abril, na primeira semana de abril. Então, eu falei para ele que não, não tinha problema nenhum, que poderia viajar tranquilamente. Não havia problema nenhum. E como o estágio era parte do concurso, você não podia abrir mão do estágio. O concurso tinha sido antes, mas o estágio fazia parte, era exigência. Então, eu já tinha passado numa parte, tinha passado na entrevista, achei que deveria vir. Então, eu acho que nós chegamos assim, eu acho, que num domingo, que era para visitar as escolas e eu estava me sentindo super bem junto com os outros professores, só que uma viagem de avião levava umas quatro horas de Rio a Brasília; não era assim, esses... (ENTREV.: "INAUDÍVEL") - ... 50 minutinhos que a gente faz agora não. Mas foi uma viagem normal, a gente tentando conhecer os que estavam chegando, porque todos eram desconhecidos um dos outros, pelo menos, a equipe que estava vindo do Rio, porque aqui é que a gente encontrou um com outros vindos de outro lugar. E quando chegou na terça-feira de manhã, nós chegamos num domingo assim, à tarde e na terça, de manhã, eu senti que a bolsa d'água tinha rompido. E aí eu chamei uma das professoras, porque nós estávamos num alojamento da Caixa Econômica, chamei à que estava mais

próxima e falei com ela: olha, tem um posto de saúde... e isso eu sabia que tinha, porque eu tinha amigos médicos que já tinham vindo para Brasília e já tinham avisado; tem um posto de saúde na W3, que a gente estava mais ou menos ali. Como a cidade não tinha ainda todo o traçado, tudo era meio atrás de um monte, daquele morrinho ali e era ali que tinha (RISOS).
 Aí, eu perguntei a ela, se ela não podia ir comigo, porque a gente tinha uma programação do dia assim, complicado. Eu falei: eu não posso arriscar, não é?

PERG.: TINHA CONDUÇÃO À DISPOSIÇÃO?

RESP.: Tinha um ônibus que levava a gente para os lugares, mas nisso, isso era perto, dava para ir a pé. E era muito cedo ainda, não tinha ninguém acordado. Aí ela falou: não! claro que eu vou contigo! a Dayse Collet. Aí a Dayse foi comigo. Chegamos lá, era um posto de saúde do IAPI, porque era dividido, não era unificado ainda. Então: IAPI, IAPTEC, IPASE, eram todos divididos e esse era do IAPI. E o médico lá estava dormindo e eu pedi para chamar, porque expliquei: olha... dali nós íamos, não sei se para o Núcleo Bandeirante; não sei para onde que nós íamos, que era um pouco distante. Então, o médico apareceu, eu expliquei para ele que... aí ele falou: ah! mas você não está com cara de quem vai ter filho não! eu falei: é! mas não é com a cara bem que a gente vai ter, não é? (RISOS) eu gostaria de ser examinada, porque senão, depois, eu não vou ter como voltar aqui. Aí, ele era um médico novo... e hoje, é claro, você há de convir que em 60, eu também era bem novinha. Então, ele ficou nessa, mas resolveu me examinar. Bom, aí já estava com, não sei quanto, de dilatação. Eu não estava sentindo grandes... (ENTREV.: ERA O PRIMEIRO FILHO?) - ...era o primeiro! (ENTREV.: QUE CURIOSIDADE!) - (RISOS) Aí ele disse: assim: não! faz o seguinte... ele, depois dali, eles atendiam no Núcleo Bandeirante, no HJKO, que era o único hospital que tinha em Brasília. Então, ele perguntou se eu conseguiria uma condução e que fosse para lá para esperá-lo, porque ele iria para lá depois. Então, a Dayse realmente, essa professora, que foi de uma presteza, assim, para quem não era amigo, não é? só

uma questão de companheirismo. Nós fomos lá para o Núcleo Bandeirante, ficamos lá e ao meio dia e pouco, assim, mais ou menos, nasceu o meu primeiro filho. (RISOS) Então, eu fiquei em Brasília ainda até sábado e sábado eu voltei para o Rio; os outros voltaram na quinta, o grupo. Eu fiquei até sábado. No sábado, eu voltei para o Rio e na segunda feira, continuei o estágio no Rio de Janeiro.

PERG.: SÓ UMA COISA, VAMOS FICAR NESSE PONTO PRIMEIRO, DEPOIS NÓS VOLTAMOS PARA O OUTRO.

O HOSPITAL JK, COMO ERA O ATENDIMENTO? COMO É QUE VOCÊ SENTIU ESSE ESPÍRITO DE SOLIDARIEDADE DE BRASÍLIA. NESSA ÉPOCA?

RESP.: Olha, o hospital, vocês imaginem assim, era o único. O que tinha mais em Brasília naquela época, eram os candangos. Dos grupos, vamos dizer, que estavam em maioria, eram os Candangos. Então, era um hospital assim, simplérrimo, super lotado de acidentes de obra, de tudo. Então, por exemplo, enquanto eu cheguei no hospital, talvez umas 10 horas da manhã, até meio dia, que foi a hora em que eu consegui entrar na sala de parto, porque estava ocupada com outro problema e até eles desinfetaram, porque tinha tido um eclâmpsia, uma coisa assim e não dava para arriscar, eu tive que ficar encostada na parede. Não podia sentar, porque não tinha aonde.

PERG.: E OS MÉDICOS, BONS? ATENDIMENTO BOM?

RESP.: Fabulosos, uma equipe fantástica!

PERG.: ESSES TIPOS DE SOLIDARIEDADE QUE VOCÊ SENTIU.

RESP.: Era demais! isso, Brasília, realmente ela perdeu e se desgostou, como toda cidade quando se desenvolvem, não é? você não podia imaginar você está na rua e alguém não te levar para algum lugar, entendeu? então, essa coisa de carona, não havia nenhuma outra conotação. Realmente era a solidariedade, deslocar de um lado para o outro, porque senão as pessoas não se deslocavam.

PERG.: ATÉ QUE ÉPOCA ISSO EXISTIU EM BRASÍLIA?

RESP.: Até, para mim, pelo menos, existiu até o golpe, até 64. Ali

foi um divisor de águas. E nisso, a cidade realmente se fechou e se transformou. E tem tido assim, alguns renascimentos em algumas épocas em que há uma solidariedade, mas precisa ter uma modificação assim, muito grande.

PERG.: 67, 68 HOVE ISSO, NÃO HOVE?

RESP.: Aí foi pior, porque aí, a repressão foi pior. Eu acho que a cidade só foi para a rua, pelo menos, é claro, que isso é um ponto de vista muito pessoal, não é? outras pessoas contarão, naturalmente, a mesma história de um outro ângulo. Na campanha das diretas, eu acho que foi a única época em que a cidade, eu acho, que se reencontrou como cidade, assim, de sair para a rua de peito aberto. Não que as pessoas deixassem de atuar; sempre houve. Nós tivemos assim, ciclos. Brasília foi feita e como ela é nova e não tem nada consolidado, ela foi feita de ciclos, não é? e eu falo muito da área educacional e cultural. (ENTREV.: QUE VOCÊ ATUOU, NÃO É?) - Porque é uma área que eu tive sempre ligada, não é? então, a gente sentia isso, que ela, mesmo nas épocas ruins, de vez em quando, aparecia alguma coisa que motivava ou que dava uma esperança das pessoas. Mas quanto ao comportamento, realmente nós tivemos esses divisores: 64, 86 e somente a campanha das diretas, que deu essa coisa inteira. (ENTREV.: O POVO SE APROPRIOU OUTRA VEZ DA CIDADE?) - É! uma coisa mais inteira, não é? como a gente está vendo agora com as eleições diretas, não é? agora, a escola... agora, vamos ver o que que era essa escola, o que que eles propuseram e o que que realmente aconteceu. Quer dizer, as equipes se formavam, eram pessoas que não se conheciam e dentro do que estava estabelecido era isso. Claro que existia a Lei de Diretrizes e Bases; quer dizer, existia uma lei, sempre houve... (ENTREV.: "I N A U D I V E L") - ...a lei do ensino; não! as leis de ensino sempre existiam. Então, a gente já tinha...

PERG.: VOCÊ É CAPAZ DE NOS FAZER UM HISTÓRICO DESSAS LEIS? VOCÊ, QUANDO VEIO PARA CÁ, EM 60, ESTAVA (INAUDÍVEL) DE EDUCAÇÃO, QUE NÃO AINDA A OUTRA LEI DE DIRETRIZES E BASES, ERA A PRIMEIRA LEI; E A OUTRA VEIO EM 62, NÃO FOI, OU TRÊS?

RESP.: Era a primeira lei; foi depois.

PERG.: A PRIMEIRA LEI DE DIRETRIZES E BASES FOI EM 60, A SEGUNDA FOI EM 1971.

RESP.: É! 71. Essa segunda modificação, é que introduz o ensino profissionalizante, que é o desastre que acabou com toda a experiência anterior. Mas nós tinha assim... então, nós tínhamos, quer dizer, você tinha a lei maior; quer dizer, o espírito do Anísio Teixeira, levando ao ensino primário. A idéia da Escola Parque, é uma idéia que ele trouxe da Bahia, que na Bahia já existia a experiência da Escola Parque. Então, o que aconteceu em Brasília...

PERG.: SÓ VOLTANDO, PARA NÃO PERDER (INAUDÍVEL); VOCÊ FOI ALUNO DO ANÍSIO DE QUE DISCIPLINA?

RESP.: Administração escolar. Ele era professor de administração Escolar, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade de Brasília. E para o ensino médio, então não havia... sim! quer dizer, havia... a matéria, inclusive, chamava: "Desenho". A matéria no curriculum chamava-se: "Desenho", mas como nós não tínhamos aquela obrigatoriedade: não era obrigatoriedade: a

obrigatoriedade tinha... não tinha rigidez. Eu, como eu falei para vocês, tinha essa dúvida se faria Belas Artes ou arquitetura... eu colecionava na época, uma revista: "Módulo", que era uma revista de arquitetura. E nessa coleção da "Módulo"

GUNDO GRAU?) - Era! para primeiro e segundo grau. Eu tenho o projeto que nós fizemos em cima dele. A revista, eu tinha deixado no arquivo do Elefante Branco quando eu fui chefe de departamento. E nem todas as coisas de 64 eu consegui recuperar. Algumas foram recuperadas e as outras desapareceram. Então, foi em cima disso que nós trabalhamos. E ele já dava uma idéia, era o que eu tinha, que o desenho, além do desenho ... (O TELEFONE TOCA) - (ENTREV.: RETOMANDO PODE CONTINUAR.) - ...então, esse planejamento... então, era nessa idéia, de que além do desenho... e ele dava, sugeria isso, que essa parte, que hoje é tanta ênfase na parte da expressão da criatividade, que era uma coisa que ainda não havia sido assim, dentro da sala mesmo. Claro que deveriam existir experiências isoladas, mas você não toma conhecimento. E ele proporcionava justamente isso, que ao mesmo em que você dava aquelas coisas, que eram obrigatórias, do programa mínimo, você tinha a possibilidade de já ir fazendo com que isso fosse pela parte expressiva e criativa. Quer dizer, só um exemplo assim, mínimo, de como, por exemplo, eu comecei na primeira série, com aquelas noções que eram do programa mínimo, que era o problema da reta, da linha, dos polígonos; então, começava por aí. Então, de que maneira a gente pensou que faria isso? então, nós começamos, por exemplo, eu peguei as primeiras séries, então a gente já começava pela idéia da própria Brasília. Ora, se Brasília era uma cidade planejada, existia um caminho. E se existia um caminho, então, que caminho era esse? e que tipo de linha era essa que essa criança fazia? que trajeto ele fazia? e quando ele chegava, ele representava? então, dependendo de como ele representava, ele já tinha a noção da linha e da linha contínua, da linha quebrada, porque quando ele fazia uma curva e isso dava para você sentir, porque já tinha esse banbolê, que é um círculo, você entende? então, por aí. A idéia do retângulo, ou do quadrado, ou a própria sala de aula, era o retângulo. Então, ele se representava e se localizava, não é? e na medida em que ele se localizava na sala de aula, no seu quadradinho, que era a cadeira, ele já ia tendo, quer dizer... (ENTREV.: NOÇÕES DE DIREITA E ESQUERDA, PARA CIMA E PARA BAIXO.) - ...as noções espaciais e

dentro da... você estava respeitando perfeitamente o programa mínimo, ele estava tendo a idéia, ele estava registrando. E, por exemplo, eu nunca comecei eles com instrumentos. Então, eles faziam tudo direto, à mão livre, como a gente falava. E' com isso, ele ia criando o seu traço. Então, essa Brasília, registrada por essa criança, esse trajeto, era muito expressivo... (O TELEFONE TOCA)

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA L, REFERENTE A ENTREVISTA COM A PROFESSORA RENÉE SIMAS.

.BSB / 03.02.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.

(QNN: 40 CJ "F" CS 01 CELLÂNDIA / DF. - TEL. 376 4167 "recado")